

Zooartesanato comercializado em Recife, Pernambuco, Brasil

Marcos Souto Alves¹, Maria Aparecida da Silva², Mauro Melo Júnior³, Maryse Nogueira Paranaçu¹ & Stefane de Lyra Pinto¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Laboratório de Invertebrados Marinhos e Limnéticos, Departamento de Biologia, Área de Zoologia, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/nº. Dois Irmãos, 52.171-900, Recife, PE. msouto@ufrpe.br

²Programa de Pós-graduação Lato sensu Especialização em Ensino de Biologia, UPE, FFPNM

³Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Oceanografia, Doutorado, IOUSP

Abstract. Zoohandicraft commercialized in Recife, Pernambuco, Brazil. In the Pernambuco State's Coast, Brazil, a great amount of handicraft is made using local marine macrofauna. This specific kind of handicraft could be designated by a neologism zoohandicraft. This paper presents the taxonomical identification of the fauna used in the making of the handmade pieces, the number of animals used, and the classification of the available pieces for sale. The zoohandicraft pieces were counted in each store, as well as the number of valves, of individuals or colonies of each animal used for making of each piece. A total of 28 species were identified in four phylum: Cnidaria, Mollusca, Arthropoda and Echinodermata. Several zoohandicraft pieces are made with species overexploitation, such as: *Strombus goliath* Schröter, 1805, *Panulirus argus* Latreille, 1804 and *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) or in extinction such as *Oreaster reticulatus* (Linnaeus, 1758) according to Brazilian legislation.

Key words: marine macrofauna, zoohandicraft, faune commerce.

Resumo: Na costa do estado de Pernambuco, Brasil, uma grande quantidade de artesanato é confeccionada utilizando macrofauna marinha. Este tipo específico de artesanato foi designado pelo neologismo zooartesanato. O presente trabalho apresenta a identificação taxonômica da fauna usada para confecção de peças artesanais, o número de animais utilizados para a manufatura das peças e a classificação das peças disponíveis para a venda. As peças zooartesanais foram contadas em cada loja, bem como o número de valvas, de indivíduos ou de colônias de cada animal usado para confecção das peças. Um total de 28 espécies foram identificadas em quatro Filos: Cnidaria, Mollusca, Arthropoda e Echinodermata. Diversas peças de zooartesanato são feitas usando espécies sobreexploradas, tais como *Strombus goliath* Schröter, 1805, *Panulirus argus* Latreille, 1804 e *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) ou em extinção, como *Oreaster reticulatus* (Linnaeus, 1758) de acordo com a legislação brasileira.

Palavras-chave: macrofauna marinha, zooartesanato, comércio de fauna.

INTRODUÇÃO

A diversidade de interações que as culturas humanas mantêm com os animais tanto pode ser estudada do ponto de vista das disciplinas da Ciência ocidental, tais como zoologia, psicologia e etologia, quanto pela perspectiva da etnociência, mais particularmente da etnozootologia, uma vez que o prefixo etno refere-se ao sistema de conhecimento e cognição típicos de uma cultura (COSTA NETO, 2000).

Em toda região costeira de Pernambuco, uma quantidade significativa de artesanato é produzida a partir da macrofauna marinha. O termo zooartesanato é empregado neste trabalho para designar toda e qualquer forma de artesanato que utiliza animais ou parte destes para sua confecção. A atividade zooartesanal caracteriza-se como uma forma de expressão artística e cultural, de caráter familiar e hereditário, enquadrada na etnozootologia.

O artesanato em Pernambuco é de grande riqueza e variedade temática. LIMA & AZEVEDO (1982)

definem artesanato como uma atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou em pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos, com equipamento rudimentar, na qual se admite a utilização de máquinas ou ferramentas, desde que não dispensem a criatividade ou habilidade individual e em que o agente produtor participa, diretamente, de todas ou quase todas as etapas da elaboração do produto.

Esta atividade notoriamente vem se firmando como uma nova fonte de emprego e renda para aqueles que comercializam e produzem artesanato no Recife, sendo assim facilmente encontrado em quantidade considerável nos tradicionais pontos de venda de artesanato desta cidade. Porém, não se tem conhecimento sobre avaliações científicas que enfoquem a produção, o comércio e o consumo de zooartesanato no estado de Pernambuco e, desta forma, não se sabe os efeitos da pressão antropogênica sobre os organismos utilizados para este fim a longo prazo.

Este trabalho teve como objetivos realizar a identificação taxonômica da fauna utilizada na confecção das peças artesanais, estimar a quantidade de animais utilizados na confecção do zooartesanato e classificar o zooartesanato disponível para venda nos principais estabelecimentos comerciais do município de Recife, PE.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no período de outubro de 2001 a setembro de 2002. Para a caracterização do zooartesanato e identificação da fauna utilizada, os pontos de comercialização foram sorteados com base nas informações obtidas em EMPETUR – SEBRAE/PE (1998). Foram selecionados tradicionais pontos de venda de artesanato em Recife, tais como: a Casa da Cultura, o Mercado de São José, o Terminal Rodoviário Antônio Farias – TAF e a Feira de Arte Artesanato da Praça de Boa Viagem, devido ao grande fluxo de turistas que circulam nestes locais.

As peças de zooartesanato disponíveis para venda foram contabilizadas em cada estabelecimento comercial sorteado e, sempre que possível, a matéria-prima animal utilizada para a confecção foi identificada no próprio local, por se tratarem de espécies bastante conhecidas para o litoral de Pernambuco. Algumas peças foram, quando necessário, adquiridas e desmon-

tadas para identificação dos animais até a mais inclusiva categoria taxonômica possível, com auxílio de literatura especializada, específica para cada táxon. Foram também contabilizados os números de valvas, o número de indivíduos e/ou número de colônias de cada animal utilizado para confecção de cada peça, de acordo com as particularidades de cada táxon.

As peças foram classificadas em três categorias: utilitário, figurativo e peças zoológicas. O zooartesanato constituído por peças de uso doméstico ou adereços de uso pessoal foi classificado como utilitário; o figurativo é constituído por peças decorativas, pintadas ou esculpidas, cujas representações traduzem o cotidiano da comunidade ou do artesão; e quando o próprio animal, inteiro ou parte dele é vendido como uma peça decorativa, sem que haja nenhum adorno aderido, classificou-se como peça zoológica.

O material estudado encontra-se em depósito no Laboratório de Invertebrados Marinhos e Limnéticos da Área de Zoologia do Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

RESULTADOS

O Filo Mollusca (Classes Bivalvia e Gastropoda) foi encontrado com maior frequência relativa (99,66%) e com maior número de espécies (24), seguido do Filo Arthropoda (Subfilo Crustacea, Classe Malacostraca) (0,21%), Filo Echinodermata (Classe Asteroidea) (0,11%) e Filo Cnidaria (Classe Anthozoa) (0,03%) (Tab. 1).

A fauna utilizada para confecção do zooartesanato esteve representada pelas seguintes espécies:

Meandrina braziliensis Milne Edwards & Haime, 1849 (Cnidaria, Anthozoa, Meandriidae) (Fig.1).

Foram contabilizadas 25 colônias. Encontrada como peça zoológica, esta espécie é comercializada *in natura*, clareada com alvejante de uso doméstico. A cor dos organismos vivos varia do verde amarelado nas colônias de águas mais rasas ao vermelho escuro naquelas de águas mais profundas. Os registros da ocorrência desta espécie sugerem uma certa susceptibilidade para as águas agitadas (LEÃO, 1986). *M. braziliensis* é encontrada em toda a costa do Brasil, desde o Estado do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte (Atol das Rocas), Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia (MAYAL *et al.*, 2002), até a altura de Cabo Frio no Rio de Janeiro (LEÃO, 1986).

Tabela 1. Distribuição dos táxons encontrados na composição do zooartesanato comercializado na cidade do Recife.

Filo	Classe	Espécie	N	Frequência (%)
Cnidaria	Anthozoa	<i>Meandrina braziliensis</i> Milne Edwards & Haime, 1849	25	0,03
Mollusca	Bivalvia	<i>Anomalocardia brasiliiana</i> (Gmelin, 1791)	50,771	53,98
		<i>Iphigenia brasiliiana</i> (Lamarck, 1818)	1,219	1,30
		<i>Tivela mactroides</i> (Born, 1778)	13,621	14,48
		<i>Anadara ovalis</i> (Bruguiere, 1789)	1,250	1,33
		<i>Lucina pectinata</i> (Gmelin, 1791)	307	0,33
		<i>Mactrellona alata</i> (Spengler, 1802)	94	0,10
		<i>Crassostrea rhizophorae</i> (Guilding, 1828)	108	0,11
		<i>Tellina</i> sp.	26	0,03
		<i>Pecten ziczac</i> (Linnaeus, 1758)	6	0,01
		<i>Trachycardium muricatum</i> (Linnaeus, 1758)	160	0,17
		<i>Noetia bisulcata</i> (Lamarck, 1819)	1,558	1,66
	Gastropoda	<i>Neritina virginea</i> (Linnaeus, 1758)	21,104	22,44
		<i>Bulla striata</i> (Bruguiere, 1792)	971	1,03
		<i>Pugilina morio</i> (Linnaeus, 1758)	220	0,23
		<i>Cypraea aciculares</i> Gmelin, 1791	550	0,58
		<i>Cypraea zebra</i> Linnaeus, 1758	46	0,05
		<i>Hastula cinerea</i> (Born, 1778)	16	0,02
		<i>Strombus pugilis</i> Linnaeus, 1758	200	0,21
		<i>Strombus goliath</i> Schröter, 1805	27	0,03
		<i>Strombus gallus</i> Linnaeus,	356	0,38
<i>Cassis tuberosa</i> Linnaeus, 1758	191	0,20		
<i>Olivella minuta</i> (Link, 1807)	750	0,80		
<i>Vasum cassiforme</i> (Kiener, 1841)	117	0,12		
<i>Megalobulimus terrestris</i> Spix, 1827	69	0,07		
Arthropoda	Malacostraca	<i>Ucides cordatus</i> (Linnaeus, 1763)	175	0,19
		<i>Panulirus argus</i> Latreille, 1804	15	0,02
Echinodermata	Asteroidea	<i>Oreaster reticulatus</i> (Linnaeus, 1758)	100	0,11
Total			94,052	100,00



Figura 1. Colônia de *Meandrina braziliensis* Milne Edwards e Haime, 1848 comercializada *in natura* nos mercados públicos de Recife, PE.

Anomalocardia brasiliana (Gmelin, 1791) (Mollusca, Bivalvia, Veneridae) (Fig. 2, 3, 4, 5).

Esta espécie foi a mais bem representada com 50.771 valvas encontradas em várias peças utilitárias e figurativas, tais como porta-chaves, porta-canetas, porta-retratos, porta-jóias, luminárias, biombos, cortinas, esculturas reproduzindo coqueirais, árvores, pássaros, tartarugas, quadros e estandartes. *A. brasiliana* ocorre desde o médio até o infralitoral em substrato móvel areno-lamoso, entre 5 a 10 cm de profundidade, em ambiente marinho e estuarino, e ainda em prados de *Halodule wrightii* (Aschers) em toda a costa brasileira (RIOS, 1994; MELLO & TENÓRIO, 2000). Esta espécie é comestível e tem considerável importância comercial (BOFFI, 1979), sendo também utilizada para fins medicinais em Itapissuma, PE (ALVES & SOUZA, 2000).



Figura 2. Porta-jóias confeccionado com valvas de *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) comercializado nos mercados públicos de Recife, PE.



Figura 3. Coqueiro e pássaros confeccionados com valvas de *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) comercializados nos Mercados Públicos de Recife, PE.

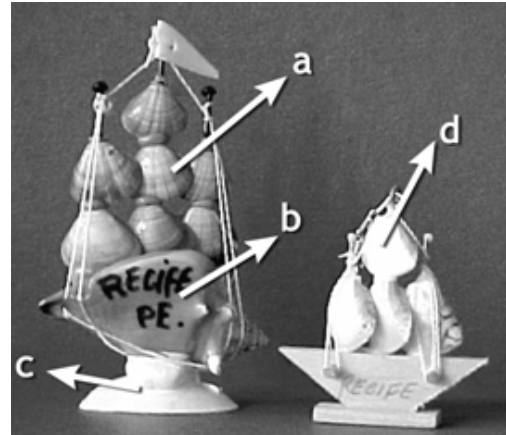


Figura 4. Barquinhos confeccionados com conchas de (a) *Tivela mactroides* (Born, 1778), (b) *Strombus pugilis* Linnaeus, 1758, (c) *Iphigenia brasiliana* (Lamarck, 1818) e (d) *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) comercializados nos mercados públicos de Recife, PE.

Tivela mactroides (Born, 1778) (Mollusca, Bivalvia, Veneridae) (Fig. 4).

Encontrada em peças utilitárias, tais como chaveiros, porta-chaves, porta-lápis, cortinas, biombos, cinzeiros, colares, chapéus, bolsas e também como peças figurativas, tais como quadros e esculturas retratando barquinhos, coqueirais, árvores, pássaros, bonecas e estandartes. Foram contabilizadas 13.621 valvas. Esta espécie é habitante do meso e infralitoral, em substrato móvel, enterrada a poucos centímetros em fundos arenosos, em ambientes estuarinos e marinhos (MELLO & TENÓRIO, 2000) e é encontrada em toda a costa brasileira (RIOS, 1994).

Embora em Recife não seja comum sua comercialização para fins alimentícios, é citada como espécie comestível por BOFFI (1979).

Iphigenia brasiliana (Lamarck, 1818) (Mollusca, Bivalvia, Donacidae) (Fig. 4).

Foram contadas 1.219 valvas encontradas em peças utilitárias, tais como cortinas, luminárias, abajur, barquinhos, bonecas e cinzeiros. Esta espécie é habitante do meso e infralitoral, em substrato móvel areno-lamoso, inclusive em prados de *Halodule wrightii*, até 10 cm de profundidade (MELLO & TENÓRIO, 2000) e se distribui em toda a costa do Brasil até o Uruguai (RIOS, 1994).

Em Pernambuco, esta espécie é popularmente conhecida como taioba e constitui um dos itens alimentares das populações ribeirinhas, porém não são facilmente encontradas à venda provavelmente devido ao seu baixo valor comercial.

Lucina pectinata (Gmelin, 1791) (Mollusca, Bivalvia, Lucinidae) (Fig. 5).

Encontrada em peças utilitárias e figurativas, tais como porta-lápis, coqueirais, pássaros e barquinhos, totalizando 307 valvas. *L. pectinata* é habitante do meso e infralitoral em substrato móvel lamoso, areno-lamoso, cascalhoso, até 10 cm de profundidade, distribuindo-se desde o Amapá até Santa Catarina (RIOS, 1994; MELLO & TENÓRIO, 2000).

Anadara ovalis (Bruguere, 1789) (Mollusca, Bivalvia, Arcidae) (Fig. 6).

Encontrada em peças utilitárias e figurativas, tais como colares, brincos e bonecas, totalizando 1.250 valvas. Esta espécie é habitante do infralitoral em substrato móvel (MELLO & TENÓRIO, 2000) e se distribui em toda a costa do Brasil até o Uruguai (RIOS, 1994).

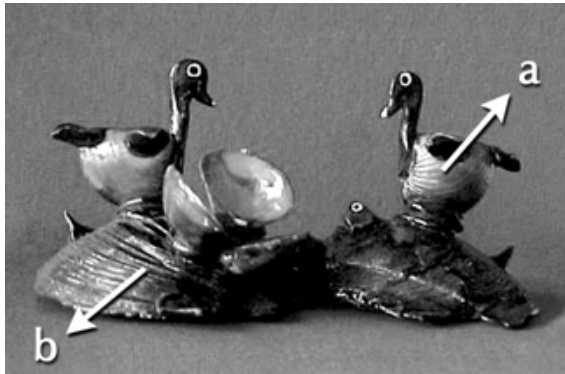


Figura 5. Pássaros confeccionados com valvas de (a) *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) e (b) *Lucina pectinata* (Gmelin, 1791) comercializados nos mercados públicos de Recife, PE.



Figura 6. Colar confeccionado com conchas de (a) *Neritina virginea* (Linnaeus, 1758), (b) *Anadara ovalis* (Bruguere, 1789) e (c) *Bulla striata* (Bruguere, 1792) comercializada nos mercados públicos de Recife, PE.

Mactrellona alata (Spengler, 1802) (Mollusca, Bivalvia, Mactridae).

Foram encontradas 94 valvas, compondo peças utilitárias e figurativas, tais como cinzeiros, bonecas, árvores e pássaros. Esta espécie é habitante do infralitoral, em fundos de areia e areno-lamosos, até 20 metros, e se distribui desde a costa do Ceará até Santa Catarina (RIOS, 1994), sendo citada como comestível por TENÓRIO *et al.* (2002).

Crassostrea rhizophorae (Guilding, 1828) (Mollusca, Bivalvia, Ostreidae).

Foram contadas 108 valvas encontradas em peças utilitárias e figurativas, tais como porta-lápis, coqueirais e árvores. *C. rhizophorae* é típica de mesolitoral, vive fixa em raízes de mangue, pedaços de madeira, pilares de pontes, rochas ou outros substratos consolidados. Esta espécie é bem adaptada a uma existência estuarina porque pode tolerar amplas faixas de temperatura (0° a 40°C), salinidade (4 a 45), turbidez e diminuição de oxigênio (MELLO & TENÓRIO, 2000). Sua distribuição inclui toda a costa brasileira até Uruguai (RIOS, 1994). *C. rhizophorae* é uma das espécies de bivalves mais comercializadas em Recife, sendo consumida predominantemente *in natura*.

Tellina sp. (Mollusca, Bivalvia, Tellinidae).

Os indivíduos do gênero *Tellina* não foram identificados até o nível de espécie devido à dificuldade

para desmontar as peças, uma vez que as valvas, muito delicadas, encontravam-se presas com massa epóxi. Um total de 26 valvas foi encontrado compondo peças figurativas, tais como árvores e bonecas.

Pecten ziczac (Linnaeus, 1758) (Mollusca, Bivalvia, Pectinidae).

Foram encontradas seis valvas compondo peças figurativas e quadros. Esta espécie é encontrada em fundos de areia e algas calcárias, de 15 a 75 metros e se distribui desde o Amapá até Santa Catarina (RIOS, 1994).

Trachycardium muricatum (Linnaeus, 1758) (Mollusca, Bivalvia, Cardiidae).

Foram contabilizadas 160 valvas encontradas em peças utilitárias e figurativas, tais como cortinas e pássaros. Esta espécie habita o substrato móvel infralitoral (MELLO & TENÓRIO, 2000), enterrada logo abaixo da superfície ou apoiada no substrato (BOFFI, 1979) e se distribui por toda a costa brasileira (RIOS, 1994).

Noetia bisulcata (Lamarck, 1819) (Mollusca, Bivalvia, Noetiidae).

Foram registradas 1.558 valvas compondo peças utilitárias e figurativas, tais como estandartes e bonecas. Esta espécie é encontrada livre ou presa a rochas e corais através de pequenos bissos e se distribui em toda a costa do Brasil até o Uruguai (RIOS, 1994).

Neritina virginea (Linnaeus, 1758) (Mollusca, Gastropoda, Neritidae) (Fig. 6).

Foram contabilizadas 21.104 conchas utilizadas em peças utilitárias principalmente como colares. Esta espécie habita substratos arenosos, cascalhosos e de lama escura e fluida até 8,5 metros de profundidade (FERNANDES *et al.*, 1994/95), desde o Pará até Santa Catarina (RIOS, 1994).

Bulla striata (Bruguiere, 1792) (Mollusca, Gastropoda, Bullidae) (Fig. 6).

Foram contadas 971 conchas compondo peças utilitárias, tais como colares e bonecas. Esta espécie habita o substrato móvel infralitoral (MELLO & TENÓRIO, 2000), entre 0 a 9 metros de profundidade por toda a costa brasileira até o Uruguai (RIOS, 1994).

Pugilina morio (Linnaeus, 1758) (Mollusca, Gastropoda, Melongenidae).

Foram registradas 220 conchas compondo peças figurativas, principalmente barquinhos. Esta espécie vive em substrato móvel médio e infralitoral (MELLO & TENÓRIO, 2000) e se distribui por toda a costa do Pará até Santa Catarina (RIOS, 1994).

Cypraea aciculares Gmelin, 1791 (Mollusca, Gastropoda, Cypraeidae).

Encontrada em peças utilitárias como colares e pulseiras, totalizando 550 conchas. Esta espécie vive sobre areia, rochas, fundos detríticos, de 2 até 100 metros, no litoral do Pará até São Paulo, Fernando de Noronha e Abrolhos (RIOS, 1994).

Cypraea zebra Linnaeus, 1758 (Mollusca, Gastropoda, Cypraeidae).

Foram contabilizadas 46 conchas compondo peças utilitárias, principalmente como colares. Esta espécie vive em substrato rígido do meso e infralitoral (MELLO & TENÓRIO, 2000), sobre rochas recobertas por algas, desde o litoral do Maranhão até Santa Catarina (RIOS, 1994).

Hastula cinerea (Born, 1778) (Mollusca, Gastropoda, Terebridae).

Um total de 16 conchas foi encontrado, principalmente em peças figurativas, como bonecas. Esta espécie vive superficialmente enterrada na areia na zona entremarés desde o Ceará até Santa Catarina (RIOS, 1994).

Strombus pugilis Linnaeus, 1758 (Mollusca, Gastropoda, Strombidae) (Fig. 4).

Foram contadas 200 conchas compondo peças utilitárias e figurativas, tais como chaveiros e barquinhos. Esta espécie é encontrada em fundos arenosos de 2 a 15 metros (RIOS, 1994) e é citada como comestível por TENÓRIO *et al.* (2002).

Strombus goliath Schröter, 1805 (Mollusca, Gastropoda, Strombidae).

Foram registradas 27 conchas encontradas como peças zoológicas. Esta espécie é encontrada em fundos de areia, desde o litoral do Ceará até o Espírito Santo e Abrolhos (RIOS, 1994). Apesar de ser uma espécie comestível, *S. goliath* é principalmente capturada para a comercialização de suas conchas em Pernambuco ou como produto de exportação para outros Estados, sem qualquer

registro, podendo ser considerada uma espécie em extinção (TENÓRIO *et al.*, 2002).

Strombus gallus Linnaeus, 1758 (Mollusca, Gastropoda, Strombidae) (Fig. 7).

Foram contabilizados 356 indivíduos comercializados *in natura* como peças zoológicas ou compondo peças figurativas, como barquinhos. Espécie encontrada em fundos de areia entre algas calcárias de 0,5 a 12 metros de profundidade, desde o Ceará até o Espírito Santo, Fernando de Noronha e Abrolhos (RIOS, 1994). Embora citada como espécie comestível, é principalmente capturada para comercialização das conchas e pode ser considerada espécie em extinção (TENÓRIO *et al.*, 2002).



Figura 7. Concha de *Strombus gallus* Linnaeus, 1758 comercializada nos mercados públicos de Recife, PE.

Cassis tuberosa Linnaeus, 1758 (Mollusca, Gastropoda, Cassidae) (Fig. 8).

Foram contadas 191 conchas compondo peças utilitárias, principalmente luminárias, e como peça zoológica. Espécie encontrada enterrada na areia infralitoral (MATTHEWS & COELHO, 1975) desde o litoral do Maranhão até o sul da Bahia e Abrolhos (RIOS, 1994). Embora seja uma espécie comestível, a concha de *C. tuberosa* tem maior valor comercial e é bastante explorada no litoral de Pernambuco, sendo encontrada praticamente em todos os pontos de venda de artesanato. Pode ser também considerada espécie em extinção (TENÓRIO *et al.*, 2002).



Figura 8. Luminária confeccionada com conchas de *Cassis tuberosa* Linnaeus, 1758, comercializada nos mercados públicos de Recife, PE.

Olivella minuta (Link, 1807) (Mollusca, Gastropoda, Olividae).

Foram contabilizadas 750 conchas encontradas em peças utilitárias, principalmente colares. Espécie habitante do mesolitoral em substrato rígido e infralitoral em substrato móvel (MELO & TENÓRIO, 2000) desde o litoral do Ceará até Santa Catarina (RIOS, 1994).

Vasum cassiforme (Kiener, 1841) (Mollusca, Gastropoda, Vasidae) (Fig. 9).

Foram encontradas 117 conchas compondo peças zoológicas. Espécie endêmica do nordeste do Brasil, encontrada em fundos de algas calcárias entre 11 e 56 metros de profundidade, desde o Rio Grande do Norte até o Espírito Santo e Abrolhos (RIOS, 1994). Embora seja comestível, o maior valor comercial está na concha que é intensamente capturada para ser comercializada em Pernambuco ou ainda exportada para outros Estados sem qualquer registro. É considerada espécie em extinção (TENÓRIO *et al.*, 2002).

Megalobulimus terrestris Spix, 1827 (Mollusca, Gastropoda, Megalobulinidae).

Única espécie de molusco terrestre identificada. Foram encontradas 69 conchas compondo peças

utilitárias e figurativas, tais como cinzeiros e barquinhos. Os caracóis da família Megalobulinidae distribuem-se desde a Paraíba até o Rio de Janeiro e Venezuela (OLIVEIRA *et al.*, 1981) e vivem em ambientes úmidos, permanecendo sob folhagens em decomposição durante o dia, saindo à noite para se alimentar. Durante os meses muito frios ou muito secos permanecem enterrados ou inativos durante longos períodos (BOFFI, 1979).

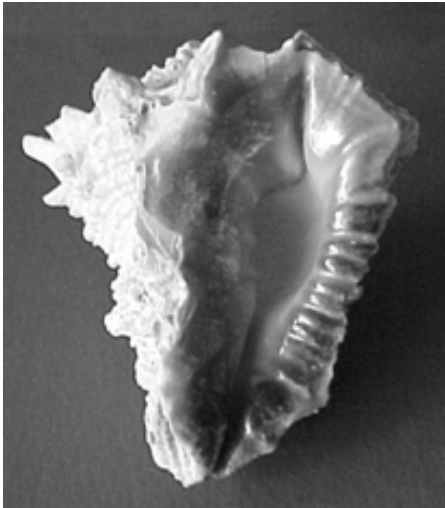


Figura 9. Concha de *Vasum cassiforme* (Kiener, 1841) comercializada *in natura* nos mercados públicos de Recife, PE.

Ucides cordatus (Linnaeus, 1763) (Arthropoda, Crustacea, Malacostraca, Ocypodidae) (Fig. 10).

Foram contabilizados 175 indivíduos encontrados em peças utilitárias, compondo cinzeiros ou no interior de garrafas contendo cachaça. O caranguejo-ucá é encontrado em ambientes pantanosos entre raízes de árvores do mangue e se distribuem desde o Pará até Santa Catarina (MELO, 1996). Em áreas de água salobra, constrói galerias largas, sempre retas e relativamente rasas. Às vezes, ocupam galerias de outras espécies, como as dos gêneros *Cardisoma*, *Uca* e *Goniopsis* (MELO, 1996).

Panulirus argus Latreille, 1804 (Arthropoda, Crustacea, Malacostraca, Palinuridae) (Fig. 11).

Foram contados 15 indivíduos encontrados inativos, no interior de garrafas de vidro transparente preenchidas com aguardente de cana. Os apreciadores de cachaça costumam adquirir o produto em garrafas ornamentadas com animais ou frutas. Nes-



Figura 10. Cinzeiro confeccionado com *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) montado sobre quenga de coco, à venda nos mercados públicos de Recife, PE.

te caso, as lagostas utilizadas para este fim apresentavam tamanho inferior ao recomendado pela legislação em vigor.

As lagostas habitam profundidades de entremarés até 90m, desde a Carolina do Norte até a Flórida, Bermudas, Golfo do México, América Central, Antilhas, norte da América do Sul e Brasil (Fernando de Noronha, Rocas e do Pará a São Paulo) e Atlântico oriental (Costa do Marfim) (MELO, 1999), em ilhas oceânicas, em bancos submarinos e na plataforma continental. Quando juvenis, habitam o infralitoral superior, geralmente em fundos arenosos com prados de macrófitas, macroalgas ou fanerógamas marinhas; os adultos habitam, preferencialmente, fundos de substratos consolidados em ambientes recifais.

P. argus é a principal espécie de lagosta comercializada no nordeste brasileiro devido ao seu sabor e ao seu tamanho, que pode atingir até 45cm de comprimento, e pelos seus hábitos gregários que facilitam a sua captura.

Oreaster reticulatus (Linnaeus, 1758) (Echinodermata, Asteroidea, Oreasteridae) (Fig. 12).

Foram contados 100 indivíduos. As estrelas-do-mar são comercializadas secas – endoesqueletos preservados – e são utilizadas como peças ornamentais. Segundo FERNANDES *et al.* (2002), *O. reticulatus* encontra-se ameaçada de extinção. Espécie abundante nos fundos de cascalho, próximos a recifes submersos ou em



Figura 11. Garrafa de cachaça contendo *Panulirus argus* Latreille, 1804, zooartesanato utilitário comercializado nos mercados públicos de Recife, PE.

locais protegidos entre prados da fanerógama marinha *Halodule wrightii* (MAGALHÃES & ALVES, 2002) em profundidades que variam entre 20 e 32 metros até a borda da plataforma continental. Ocorrem em todo nordeste brasileiro (MATTHEWS & LIMA-VERDE, 1968).



Figura 12. Endoesqueleto de *Oreaster reticulatus* (Linnaeus, 1758) comercializado *in natura* nos mercados públicos de Recife, PE.

DISCUSSÃO

Na região costeira de Pernambuco, muitas famílias vivem da coleta de mariscos, tanto para consumo próprio como para venda a restaurantes, feiras livres e nas praias. TENÓRIO *et al.* (2002) afirmam

que alguns moluscos são pescados casualmente ou por encomenda para confecção de objetos de decoração, artesanato, abajur, colares, dentre outros.

As espécies *S. goliath* e *S. gallus*, *C. tuberosa* e *V. cassiforme*, embora sejam mencionadas como comestíveis, são exploradas, sobretudo, devido ao tamanho e à beleza de suas conchas. Embora TENÓRIO *et al.* (2002) cite essas espécies como ameaçadas de extinção, elas não constam na Lista Nacional das Espécies de Invertebrados Aquáticos e Peixes em Extinção do IBAMA. *S. goliath* esteve incluída nesta lista até 2003, porém foi transferida para o anexo II da Instrução Normativa nº 5 de 21 de maio de 2004, e agora consta na Lista Nacional das Espécies de Invertebrados Aquáticos e Peixes Sobreexploradas ou Ameaçadas de Sobreexploração. Conchas dessas espécies são facilmente encontradas em mercados públicos, feiras livres, feiras típicas de artesanato ou, ainda, nas praias. Esta prática é comum em outras regiões do Brasil e em vários países. STERRER & STERRER (1986) afirmam que nas Ilhas Bermudas a coleta de moluscos para *souvenir* é fortemente desestimulada, principalmente para algumas espécies, dentre elas os gastrópodos *Strombus gigas* Linnaeus, 1758 e *Strombus costatus* Gmelin, 1791, que devido a sobrepesca estão quase em extinção, e os bivalves como *P. ziczac* (Linnaeus, 1758), *Macrocalista maculata* (Linnaeus, 1758) e *Pinctata imbricata* Roding, 1798, dentre outras espécies que agora estão protegidas por lei.

As espécies de crustáceos *P. argus* e *U. cordatus* também estão classificadas como espécies sobreexploradas, pescadas ou capturadas acima da sua capacidade natural de renovação, de acordo com a Instrução Normativa nº 5 de 21 de maio de 2004 do IBAMA. Na Instrução Normativa nº 32 de 28 de maio de 2004, publicada no Diário Oficial da União em 31 de maio de 2004, é proibida a captura, o desembarque, a conservação, o beneficiamento, o transporte, a industrialização, a comercialização e a exportação de *P. argus* e *Panulirus laevicauda* abaixo do comprimento mínimo estabelecido. No presente estudo, todos os espécimes de *P. argus* foram encontrados acondicionados em garrafas contendo aguardente de cana, sempre abaixo do tamanho mínimo recomendado pela Instrução Normativa 32/2004.

O equinoderma *O. reticulatus* amplamente comercializado como peças ornamentais nos estabelecimentos comerciais, consta na Lista Nacional das Espécies de Invertebrados Aquáticos e Peixes em Extinção do IBAMA, anexo I da Instrução Normativa nº 5 de 21 de maio de 2004.

As espécies mais encontradas na composição do zooartesanato nos estabelecimentos comerciais foram: *A. brasiliensis* totalizando 50.771 valvas e *T. mactroides* com 13.621 valvas, dentre os bivalves; entre os gastrópodos, destacam-se *N. virginea* com 21.104 indivíduos e *B. striata* com 971 indivíduos. As diversas peças de zooartesanato encontradas durante a pesquisa foram classificadas e contadas, destacando-se os chaveiros, cinzeiros, colares, pulseiras, barquinhos, coqueirais/árvores e os animais vendidos *in natura*, como sendo as peças encontradas em maior quantidade nos estabelecimentos comerciais.

Na confecção do zooartesanato, além dos animais ou partes deles, são utilizados também cola, massa epóxi, verniz, tinta, sementes, madeira, parafusos, fio de náilon, dentre outros acessórios para complementar a montagem das peças. A produção artesanal é a única ou a principal fonte de renda para a família. A origem da matéria-prima se dá por meio de compra diretamente aos pescadores, aquisição nos mercados públicos, principalmente no Mercado de São José na região central de Recife, ou através de coletas pessoais na praia do Pina (Recife, PE) e no Canal de Santa Cruz (Igarassu e Itamaracá, PE).

É recomendável a realização de estudos sobre os ciclos reprodutivos e dinâmicas das populações, bem como a orientação e controle da captura das espécies de importância comercial e ameaçadas de extinção ou sobreexploração. Sugere-se também que os órgãos de apoio aos artesãos busquem alternativas no sentido de encontrar outras fontes de produção que não ponham em risco a biodiversidade da macrofauna marinha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A.G.C. & SOUZA, R.M. 2000. Etnoecologia de um ambiente estuarino no Nordeste do Brasil: conhecimento dos mariscos (Mollusca: Bivalvia) por mulheres no Canal

- de Santa Cruz. *In: Mangrove 2000*, Recife, International Society for Mangrove Ecosystems, 1: 1-8.
- BOFFI, A.V. 1979. **Moluscos brasileiros de interesse médico e econômico**. São Paulo, HUCITEC. 182p.
- COSTA NETO, E.M. 2000. A etnoentomologia no Brasil: um panorama bibliográfico. **Biokos 14(2)**:31-45.
- EMPRESA PERNAMBUCANA DE TURISMO - EMPETUR & SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE-PE. 1998. **Inventário do potencial turístico de Pernambuco: Recife**. Recife. 121p.
- FERNANDES, M.L.B.; MELO, R.L.S. & TENÓRIO, D.O. 1994/1995. A Família Neritidae no complexo estuarino-lagunar de Suape, PE, Brasil. **Trabalhos Oceanográficos da Universidade Federal de Pernambuco 23**: 203-209.
- FERNANDES, M.L.B.; TOMMASI, L.R. & LIMA, E.J.B. 2002. Filo Echinodermata de Pernambuco. *In: TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. (eds.) Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco 2*: 405-427.
- LEÃO, Z.M.A.N. 1986. **Guia para identificação dos corais do Brasil**. Salvador, Universidade Federal da Bahia. 57p.
- LIMA, A.A.M. & AZEVEDO, I.M. 1982. O artesanato nordestino: características e problemática atual. *In: BNB – ETENE. Séries Estudos Econômicos e Sociais*. Fortaleza, Ministério do Interior. 210p.
- MAGALHÃES, K.M. & ALVES, M.S. 2002. Fanerógamas marinhas do litoral do Estado de Pernambuco. *In: TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. (eds.) Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco 1*: 173-181.
- MATTHEWS, H.R. & COELHO, A.S. 1975. Superfamília Tonnacea do Brasil. IV – Família Cassidae (Mollusca, Gastropoda). **Arquivos Museu Nacional 55**: 85-104.
- MATTHEWS, H.R. & LIMA-VERDE, J.S. 1968. Notas sobre *Oreaster reticulatus* (Linnaeus, 1758) no nordeste brasileiro (Echinodermata – Asteroidea). **Arquivos Estudos Biologia Marinha 8 (2)**: 223-224.
- MAYAL, E.M.; AFONSO, A.P.S.; PINHEIRO, B.R. & OLIVEIRA, C.M.S. 2002. Corais (Scleratinia: Cnidaria) do Estado de Pernambuco. *In: TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. (eds.) Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco 2*: 369-374.
- MELO, G.A.S. 1996. **Manual de identificação dos Brachyura (caranguejos e siris) do litoral brasileiro**. São Paulo, Plêiade/FAPESP. 604p.
- MELO, G.A.S. 1999. **Manual de identificação dos Crustacea Decapoda do litoral brasileiro: Anomura, Thalassinidea, Palinuridea, Astacidea**. São Paulo, Plêiade/FAPESP. 551p.

- MELLO, R.L.S. & TENÓRIO, D.O. 2000. A malacofauna. *In*: BARROS, H.M.; MACEDO, S.J.; ESKINAZI-LEÇA, E. & LIMA, T. (eds). **Gerenciamento participativo de estuários e manguezais**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 252p.
- OLIVEIRA, M.P.; REZENDE, G.J.R. & CASTRO, G.A. 1981. **Catálogo dos moluscos da Universidade Federal de Juiz de Fora: sinonímia de família, gênero e espécie**. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora. 520p.
- RIOS, E.C. 1994. **Seashells of Brazil**. Rio Grande, Fundação Universidade do Rio Grande. 492p.
- STERRER, W. & STERRER, C.S. 1986. **Marine fauna and flora of Bermuda. A systematic guide of marine organisms**. New York, John Wiley & Sons. 742p.
- TENÓRIO, D.O.; LUZ, B.R.A. & MELO, W.R. 2002. Moluscos marinhos do litoral do Estado de Pernambuco. *In*: TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. (eds.) **Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco 2**: 493-528

Recebido: 06/12/2005

Revisado: 06/06/2006

Aceito: 22/06/2006

